

O SAGRADO E A RELIGIÃO EM RUBEM ALVES

THE SACRED AND RELIGION FOR RUBEM ALVES

LO SAGRADO Y LA RELIGIÓN EN RUBEM ALVES

Vitor Emanuel Correa de Mesquita¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise das principais obras de Rubem Alves, buscando apresentar sua visão do Sagrado e da religião. Em sua obra, Alves discute a importância dos símbolos religiosos e da experiência do Sagrado, que transformam as coisas em portadoras de sentido, criando um mundo simbólico que proporciona uma sensação de ordem, integração e direção para os indivíduos. O autor enfatiza que os seres humanos, ao contrário dos animais, desenvolvem sistemas simbólicos religiosos que transcendem a materialidade e atendem às necessidades mais profundas da existência. Assim, ele destaca que a religião cria um mundo simbólico que infunde significado em todas as coisas, proporcionando ordem e sentido à vida, ao mesmo tempo em que explora como a religião, dependendo de como é interpretada e usada, pode ser tanto uma ferramenta de libertação, quanto de opressão. Rubem Alves vê a religião como uma expressão humana, que permite às pessoas transcenderem os limites da realidade e buscarem um mundo de amor e significado. Ele vê a imaginação como uma força ética, que projeta sentimentos humanos sobre a realidade e busca humanizá-la, portanto o sagrado e a religião, em sua visão, são uma tentativa de enfrentar a contradição fundamental da existência humana, representando a busca contínua por um mundo ideal que corresponda aos desejos e aspirações humanas. Em suma, este artigo explora a visão de Rubem Alves sobre a transformação da religião e a busca contínua pelo sagrado, destacando a importância dos símbolos religiosos para a criação de um mundo que faça sentido em uma sociedade cada vez mais secularizada.

Palavras-chave: sagrado; religião; sociedade; ciência; literatura.

Abstract

This paper intends to analyze Rubem Alves main works, presenting his insights about the Sacred and religion. Alves debates in his works, the importance of religious symbols and sacred experiences that transform things into carriers of meaning, creating a symbolic world that provides a feeling of order, inclusion, and orientation for the subjects. The author emphasizes that humans, in contrast to animals, develop symbolic religious systems that transcend physicality and meet the deepest needs of existence. Rubem Alves highlights that religion creates a symbolic world that imbues meaning into all things, providing order and meaning to life, and, at the same time, he explores how it can be a tool for freedom or oppression, depending on how it is understood and used. Rubem Alves approaches religion as a human expression that allows people to transcend the limits of reality and seek a word of love and meaning. He sees imagination as an ethical force that unveils feelings about reality and tries to humanize it, meaning that the Sacred and religion, in his perspective, attempt to face the fundamental contradictions of human existence, representing a continuous search for an ideal world that meets human desires and aspirations. Briefly, this paper examines Rubem Alves' vision about the transformation of religion and the continuous search for the Sacred, emphasizing the importance of religious symbols to create a world that has meaning in a society that is increasingly secularized.

Keywords: Sacred; religion; society; science; literature.

Resumen

¹ Graduando em Formação pedagógica em Letras – Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-graduado em História do Cristianismo pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Formado em Teologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: vitoor.279@gmail.com

Este trabalho tiene como objetivo general realizar un análisis de las principales obras de Rubem Alves. Buscaremos presentar la idea del sagrado y de la religión en la visión de Rubem Alves. Los símbolos religiosos y la experiencia del sagrado transforman las cosas en portadoras de significado, creando un mundo simbólico que proporciona una sensación de orden, integración y dirección para los individuos. En su obra, Alves discute la importancia de los símbolos y de la religión en la búsqueda humana por significado y orden en la vida. Enfatiza que los seres humanos, a diferencia de los animales, desarrollan sistemas simbólicos religiosos que trascienden la materialidad y atienden a las necesidades más profundas de la existencia. Destaca que la religión crea un mundo simbólico que infunde significado en todas las cosas, proporcionando orden y sentido a la vida. También explora como la religión puede ser tanto una herramienta de liberación como una de opresión, dependiendo de cómo se la interpreta y se la usa. El autor, Rubem Alves, ve la religión como una expresión humana, permitiendo que las personas trasciendan los límites de la realidad y busquen un mundo de amor y significado. Él ve la imaginación como una fuerza ética que proyecta sentimientos humanos sobre la realidad y busca humanizarla. Por lo tanto, lo sagrado y la religión, en su visión, son una tentativa de enfrentar la contradicción fundamental de la existencia humana, representando la búsqueda continua por un mundo ideal que corresponda a los deseos y aspiraciones humanas. En suma, este artículo explora la visión de Rubem Alves sobre la transformación de la religión y la búsqueda continua por lo sagrado, destacando la importancia de los símbolos religiosos en la creación de un mundo que tenga sentido en una sociedad cada vez más secularizada.

Palabras clave: sagrado; religión; sociedad; ciencia; literatura.

1 Introdução

Rubem Alves descreve uma mudança na sociedade em relação à religião. Ele desenvolve e nos mostra, com uma reflexão, que no passado os descrentes eram raros e sua descrença era vista como uma ameaça, levando alguns a serem perseguidos e queimados na fogueira. A religião estava presente em todos os aspectos da vida, desde conversas cotidianas até obras de arte, música e arquitetura. No entanto, algo aconteceu e o encanto da religião foi quebrado.

A ciência e a tecnologia avançaram, criando um mundo em que Deus não era mais necessário para explicar os fenômenos. Milagres se tornaram raros e distantes, e a religião foi expulsa dos centros de conhecimento e da tomada de decisões. Os teólogos não são convidados a colaborar na elaboração de planos militares e sua sensibilidade moral não é aproveitada no desenvolvimento de problemas econômicos. A religião foi marginalizada e não tem mais o mesmo papel que costumava ter (Alves, 1981, p. 8).

Podemos imaginar uma pessoa que habita em uma cidade em que a razão e a ciência são um fator predominante e que em seu processo de desenvolvimento e crescimento foi instruída a sempre questionar e duvidar de todas as coisas, a fim de chegar de forma racional à essência de o que está sendo questionado. Porém, essa pessoa acaba tendo um contato com símbolos religiosos, igrejas antigas e livros sagrados. Por mais que tenha passado toda a sua vida, até esse momento, em um processo de questionamento e racionalização de tudo que é observado, o sentimento de mistério e o saber oculto lhe causam uma vontade enorme de se atrever a mergulhar nessas viagens.

Com sede de “descobrir”, essa pessoa mergulhou nas histórias das criações de deuses, nos símbolos e nas narrativas míticas que desvendavam a natureza humana e, com isso, sentiu uma coisa que nunca sentira em relação à ciência. Esse fascínio agora se tornara um sentimento cada vez mais forte e penetrante em sua alma e, a partir desse momento, ela embarcou em uma jornada pessoal de exploração da religiosidade. Ela começou a estudar diferentes tradições religiosas, visitou templos e mesquitas, participou de rituais e conversou com pessoas de diferentes crenças.

Em suas investigações, ela descobriu que muitos outros também estavam buscando uma dimensão misteriosa da realidade, algo que a ciência sozinha não podia oferecer. Logo, percebeu que a religião não estava morta, como muitos afirmavam, mas sim transformada. As pessoas estavam buscando significado e conexão em um mundo cada vez mais tecnológico e impessoal, mas a racionalidade e a lógica não conseguiam preencher a lacuna deixada pela ausência de uma dimensão espiritual.

Rubem Alves (1981) aborda nitidamente essa compreensão: a mudança. No entanto, a experiência religiosa ainda permanece fora das esferas científicas, das fábricas, das usinas, do dinheiro e do lucro. Embora seja menos comum entre aqueles que se consideram iluminados pela ciência, ainda há um embaraço em relação à experiência religiosa pessoal. A religião não pode ser liquidada apenas pela abstinência de rituais e pela ausência de lugares sagrados, segundo Rubem Alves (1981, p. 11). Ele questiona se realmente existem pessoas das quais as perguntas religiosas foram completamente extirpadas.

De forma espetacular, Alves argumenta que embora pareça que as experiências religiosas estão em processo de extinção, sempre há e haverá uma nítida transformação nas questões fundamentais que a religião confronta o homem. A religião pode ter ganhado novos nomes e rótulos, mas sua função ainda persiste (Alves, 1981, p. 12). Segundo ele, promessas terapêuticas, esperanças de paz, harmonia e justiça social, mesmo que disfarçadas em termos científicos, políticos e econômicos, são expressões dos problemas individuais e sociais que estão enraizados nas questões religiosas, aos quais o homem sempre esteve preso (Alves, 1981, p. 12).

No livro *O que é religião*, com o qual começamos nossa abordagem, Rubem Alves explora a mudança na relação da sociedade com a religião e argumenta que a religião ainda desempenha um papel significativo na experiência pessoal e social das pessoas, mesmo que sob diferentes formas e disfarces. Sua abordagem é voltada para a experiência pessoal de cada ser humano.

2 A mudança na relação entre sociedade e religião: uma interpretação crítica

A relação entre sociedade e religião tem sido um tema de interesse ao longo da história; no entanto, nas últimas décadas, observamos uma mudança significativa nessa dinâmica. Para evidenciar a transformação da religião, Alves nos faz refletir sobre uma época em que a religião permeava todos os aspectos da vida, moldando a cultura, a arte e até mesmo as decisões políticas. A influência da religião era notória e fundamental na vida do ser humano. O ser humano e a religião andavam juntos.

No entanto, um outro deus² resolveu aparecer no cenário e o encanto da religião foi quebrado. A ciência e a tecnologia avançaram, oferecendo explicações racionais para fenômenos que antes eram atribuídos a forças divinas. Milagres se tornaram raros e distantes, marginalizando gradualmente a religião.

Houve tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Tão raros que eles mesmos se espantavam com a sua descrença e a escondiam, como se ela fosse uma peste contagiosa. E de fato o era. Tanto assim que não foram poucos os que foram queimados na fogueira, para que sua desgraça não contaminasse os inocentes. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, este tênue fio que sustenta visões de mundo, confirmava, por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas, que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual. O canto gregoriano, a música de Bach, as telas de Hieronymus Bosch e Pieter Bruegel, a catedral gótica, a *Divina Comédia*, todas estas obras são expressões de um mundo que vivia a vida temporal sob a luz e as trevas da eternidade. O universo físico se estruturava em torno do drama da alma humana. E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: *o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido*. Mas alguma coisa ocorreu. Quebrou-se o encanto. O céu, morada de Deus e seus santos, ficou de repente vazio. Virgens não mais apareceram em grutas. Milagres se tornaram cada vez mais raros, e passaram a ocorrer sempre em lugares distantes com pessoas desconhecidas. A ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus não era necessário como hipótese de trabalho [...] (Alves, 1981, p. 7-8, grifos do autor).

Percebe-se, assim, que uma das consequências dessa mudança é a marginalização da religião nas esferas de conhecimento e poder. A religião perdeu seu lugar privilegiado nas discussões sobre a vida pública, sendo relegada a um âmbito pessoal e privado. Essa marginalização reflete uma visão de mundo cada vez mais secularizada, na qual a religião é vista

² Quando me refiro à ciência como um “deus”, apresento sua equiparação a própria religião, que predominantemente governava a vida dos seres humanos, e, também, faço alusão a o que Alves traz em sua reflexão. As religiões não sumiram totalmente, mas foram substituídas, porque os problemas existenciais do homem continuaram presentes.

como desnecessária para a compreensão e organização da sociedade. Rubem Alves demonstra como a ideia do sagrado deixou de fazer parte não apenas do meio social, mas também das famílias. Contudo, ele mesmo afirma que isso não significa que o sagrado tenha sido deixado completamente de lado. Como exemplificado na alegoria anteriormente citada, a religião traz o mistério à humanidade, conforta a vida de alguns e os faz “compreender o mundo mais completo e seguro”, afinal, “eu sei para onde vou”.

Embora a religião tenha sido marginalizada, ela ainda persiste como uma força significativa na experiência pessoal e social das pessoas. Em seu livro, ele destaca o embaraço que alguns indivíduos sentem em relação à sua experiência religiosa pessoal. Em um contexto em que a ciência é valorizada como a fonte primária de conhecimento, admitir uma crença religiosa pode parecer antiquado ou irracional. No entanto, a religião continua a desempenhar um papel importante na busca por significado, na ética pessoal e nas questões existenciais.

3 A transformação da religião

Embora a religião possa ter sido marginalizada nas esferas tradicionais de influência, ela se transforma e assume novas formas para se adequar à sociedade secularizada. Percebe-se isso nas “promessas terapêuticas, a busca por paz interior, harmonia social e justiça” (Alves, 1981, p. 12), expressões de problemas fundamentais que sempre foram tratados pela religião. De certa forma, a religião passou por uma metamorfose e, com seus tentáculos, deixou-se absorver pelas diversas áreas da sociedade. Essas aspirações são muitas vezes disfarçadas em discursos psicanalíticos, sociológicos, políticos e econômicos, mas, em essência, refletem uma necessidade humana mais profunda, que transcende as fronteiras da religião institucionalizada (Alves, 1981, p. 12).

Como explicar esta distância entre conhecimento e experiência?

Não é difícil. Não é necessário que o cientista tenha envolvimento pessoal com amebas, cometas e venenos para compreendê-los e conhecê-los. Sendo válida a analogia, poder-se-ia concluir que não seria necessário ao cientista haver tido experiências religiosas pessoais como pressuposto para suas investigações dos fenômenos religiosos.

O problema é se a analogia pode ser invocada para todas as situações. Um surdo de nascença, poderia ele compreender a experiência estética que se tem ao se ouvir a Nona Sinfonia de Beethoven? Parece que não. No entanto, lhe seria perfeitamente possível fazer a ciência do comportamento das pessoas, derivado da experiência estética. O surdo poderia ir a concertos e, sem ouvir uma só nota musical, observar e medir com rigor aquilo que as pessoas fazem e aquilo que nelas ocorre, desde suas reações fisiológicas até padrões de relacionamento social, consequências de experiências pessoais estéticas a que ele mesmo não tem acesso.

Mas, que teria ele a dizer sobre a música? Nada. Creio que a mesma coisa ocorre com a

religião. E esta é a razão por que, como introdução à sua obra clássica sobre o assunto, Rudolf Otto aconselha aqueles que nunca tiveram qualquer experiência religiosa a não prosseguirem com a leitura.

E aqui teríamos de nos perguntar se existem, realmente, estas pessoas das quais as perguntas religiosas foram radicalmente extirpadas. A religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma como o desejo sexual não se elimina com os votos de castidade. E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem. . . E surgem então as perguntas sobre o sentido e o sentido da morte, perguntas das horas de insônia e diante do espelho. . . O que ocorre com frequência é que as mesmas perguntas religiosas do passado se articulam agora, travestidas, por meio de símbolos secularizados. Metamorfoseiam-se os nomes. Persiste a mesma função religiosa [...] (Alves, 1981, p. 10-11).

Em seu livro, Rubem Alves explora a natureza da religião e a relação do ser humano com o sagrado. Ele questiona as formas tradicionais de religiosidade institucionalizada e convida o leitor a buscar uma espiritualidade mais pessoal e íntima, desvinculada de dogmas e imposições externas. Ou seja, ressalta a importância de uma conexão autêntica com o sagrado, que transcende as fronteiras religiosas e encontra expressão única em cada indivíduo. Embora haja difusões nas compreensões do sagrado ao longo das épocas, a sua essência de confronto³ com a humanidade sempre se fará presente.

Rubem Alves se utiliza de muitos exemplos didáticos para o leitor compreender precisamente como a religião é, em sua visão, parte do ser humano. Ele apresenta uma reflexão sobre a diferença entre os animais e os seres humanos em relação à cultura, à religião e à busca por um mundo significativo. O autor destaca que os animais sobrevivem por meio da adaptação física ao ambiente, desenvolvendo características físicas e comportamentais que os tornam bem adaptados à natureza ao seu redor. Além disso, eles transmitem esse conhecimento de geração em geração de forma instintiva (Alves, 1981, p. 14).

No entanto, ele ressalta que a cultura humana vai além da adaptação física, já que os seres humanos têm a capacidade de criar e transformar o mundo ao seu redor. Nós construímos prédios, casas, aviões, entre outras estruturas, e desenvolvemos formas de arte, como música, escultura e poesia. Os humanos não se limitam à programação biológica, pois têm a capacidade de inventar e criar novos mundos (Alves, 1981, p. 19). Dessa forma, a cultura humana surge da necessidade de criar objetos e símbolos que representem e satisfaçam seus desejos. É por meio da cultura que os

³ Quando utilizo a palavra “confrontamento” busco não apenas trazer a ideia de desconforto, mas também a de que o ser humano busca as mesmas questões em outras áreas, no caso na ciência.

seres humanos buscam preencher o vazio e a ausência, criando um mundo que faça sentido e esteja de acordo com seus valores e ideais.

A religião desempenha um papel importante nesse sentido, pois é uma tentativa de transubstanciar a natureza e encontrar um mundo que possa ser amado. A linguagem religiosa refere-se a coisas invisíveis, além dos sentidos comuns, e a entidades como Deus, céu, inferno e alma. A religião é entendida como uma linguagem que aborda as profundezas da alma e busca conexões invisíveis com o divino por meio de símbolos e rituais religiosos, pelos quais os seres humanos buscam sentido e significado em um mundo que, muitas vezes, parece caótico e ameaçador.

Resumindo, em sua análise Rubem explora a diferença entre os animais e os seres humanos em relação à cultura e à religião. Enquanto os animais sobrevivem por meio da adaptação física, os seres humanos têm a capacidade de criar e transformar o mundo por meio da cultura e da religião, buscando preencher o vazio e encontrar um sentido para a vida. Enquanto os animais sobrevivem de suas adaptações, o ser humano se perpetua mediante concepções transcendentais, ou seja, pela “profundeza da alma”. Há uma necessidade de se acercar de experiências que os façam sobreviverem como ser humano e Rubem explora a religião dessa forma, vendo, assim, o Sagrado como uma experiência particular.

Com isso, o autor menciona a interação entre o príncipe e a raposa do livro *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, em que o processo de cativar representa a relação entre os seres humanos e o mundo. Por meio dessa relação, os seres humanos atribuem significado às coisas, transformando-as de entidades brutas e vazias em portadoras de sentido (Alves, 1981, p. 28). A raposa, ao ser cativada, encontra um novo sentido na presença do príncipe, transformando até mesmo o trigo em algo significativo, pois agora o trigo carrega a ausência do príncipe quando ele se vai. Seja no partir do pão na santa ceia, ou ao se sentir triste ao deixar a bíblia cair, nós desenvolvemos simbolismos que trazem sentidos profundos e experiências “misteriosas” para nossa sobrevivência.

O autor argumenta que o discurso religioso desempenha um papel semelhante, transformando as coisas profanas em sagradas por meio dos símbolos e da imaginação. Os objetos e as atividades culturais, como flautas, danças, poemas e pinturas, são produtos da imaginação e da fantasia, mas possuem o poder, o amor e a dignidade do imaginário. A religião cria um mundo

simbólico que traz sentido e valor à existência humana. A religião, portanto, oferece uma hipótese e uma aposta de que o universo inteiro possui uma face humana, trazendo ordem e sentido à vida.

Para ele, como psicanalista⁴, a sobrevivência não se limita apenas a coisas materiais, mas também está ligada à busca por um mundo que faça sentido ao ser humano e que por meio dos símbolos projetados pelos próprios seres humanos, sobre tudo que existe, possa satisfazer os desejos e as necessidades do homem. Em um mundo sem os símbolos, provavelmente o ser humano não sentiria vontade de viver, justamente pela essência transcendental que os símbolos expressam na vida do ser humano. Essas dissoluções de sentido podem levar homem ao suicídio, algo que Rubem também utiliza para explicar essas questões.

O projeto inconsciente do ego, não importa o seu tempo e nem o seu lugar, *é encontrar um mundo que possa ser amado*. Há situações em que ele *pode* plantar jardins e colher flores. Há outras situações, entretanto, de *impotência* em que os objetos do seu amor só existem através da magia da imaginação e do poder milagroso da palavra. Juntam-se assim o amor, o desejo, a imaginação, as mãos e os símbolos, para criar um mundo que faça sentido, e esteja em harmonia com os valores do homem que o constrói, que seja espelho, espaço amigo, lar... Realização concreta dos objetos do desejo ou, para fazer uso de uma terminologia que nos vem de Hegel, objetivação do Espírito (Alves, 1981, p. 21, grifos do autor).

Em suma, a interpretação ressalta que os símbolos e o Sagrado desempenham um papel vital na busca humana por significado e sentido na vida. Eles transformam as coisas em portadoras de sentido, criando um mundo simbólico que proporciona uma sensação de ordem, integração e direção para os indivíduos, permitindo-lhes viver em um mundo que faça sentido.

4 A importância dos símbolos e da religião na busca por significado e ordem

Os símbolos religiosos não são apenas produtos da imaginação e da fantasia, pois possuem o poder, o amor e a dignidade do imaginário, transcendendo a materialidade e conectando-se com as necessidades mais profundas do ser humano. Enquanto as atividades práticas e materiais, como o trabalho e o uso de ferramentas, são essenciais para a sobrevivência física, os símbolos e a religião atendem à necessidade de viver em um mundo que faça sentido (Alves, 1981, p. 32). A sobrevivência não se limita apenas à satisfação das necessidades básicas, mas também envolve a busca por uma ordem interna, integração e unidade.

⁴ Essa compreensão é interessante porque se utiliza de todas as questões psicanalíticas do interior para trazer “para fora” do homem.

A religião cria um mundo simbólico em que todas as coisas, desde objetos cotidianos até fenômenos naturais, são imbuídas de significado humano. Essa projeção do mundo simbólico religioso sobre o universo expressa o desejo humano por um mundo que corresponda às aspirações do amor e do desejo (Alves, 1981, p. 21). As redes simbólicas religiosas lançadas pelos seres humanos sobre o mundo buscam trazer ordem e sentido para a vida, proporcionando uma sensação de direção e significado.

É importante reconhecer que os símbolos e o sagrado não têm a mesma eficácia das coisas materiais e práticas, já que eles não podem fazer prédios e cidades, gerar filhos ou mover máquinas. No entanto, eles respondem a uma necessidade humana profunda de viver em um mundo que faça sentido, visto que quando os esquemas de sentido entram em colapso o indivíduo pode experimentar uma sensação de desintegração e falta de vontade de viver. Nesse sentido, os símbolos e o sagrado desempenham um papel fundamental na manutenção da ordem interna, na integração e direção da vida dos indivíduos.

Ainda sobre o livro *O que é religião*, Rubem Alves explora o texto do filósofo David Hume⁵, que aborda a natureza dos conhecimentos teológicos e metafísicos, questionando sua validade e utilidade. Hume argumenta que, ao examinarmos esses volumes, não encontramos raciocínios abstratos sobre questões quantitativas ou experimentais relacionadas aos fatos e à existência. Portanto, ele sugere que tais obras não passam de sofismas e ilusões, sem qualquer valor. A partir dessa crítica, Rubem expõe uma curiosa propriedade das coisas no mundo humano: enquanto os fenômenos naturais são independentes da vontade humana, as coisas culturais são criadas pela atividade dos seres humanos. Mesmo assim, muitas vezes esquecemos que essas coisas culturais são inventadas e as tratamos como se fossem naturais, processo que é chamado de “reificação” ou “coisificação”⁶, como ele prefere nomear (Alves, 1981, p. 37).

O autor destaca em seu pensamento que as crianças nascem em um mundo social já pronto, não presenciando o surgimento das coisas culturais. Além disso, as gerações mais velhas, interessadas em preservar esse mundo, tendem a esconder dos mais jovens a artificialidade e precariedade das coisas que estão presentes. Isso ocorre porque, ao reconhecer que essas coisas são

⁵ “Quando percorrermos as bibliotecas, convencidos destes princípios, que devastação não deveremos produzir! Se tomarmos em nossas mãos um volume qualquer, de teologia ou metafísica escolástica, por exemplo, façamos a pergunta: *Contém ele qualquer raciocínio abstrato referente a números e quantidades?* Não. *Contém qualquer raciocínio experimental referente a questões de fato e de existência?* Não. Às chamas com ele, então, pois não pode conter senão sofismas e ilusão” (Hume, 2004, p. 222, grifos do autor).

⁶ Essas expressões são empregadas pelo Rubem Alves a fim de simplificar o termo.

artificiais e convencionais, abre-se uma via para questionar e recriar o mundo de outra forma. Uma parte significativa desse processo de reificação ocorre com os símbolos, que ao serem repetidos, compartilhados e utilizados com sucesso são tratados como coisas, manifestações da realidade (Alves, 1981 p. 64). Mencionando Hume, ele diz que alguns símbolos, como religiões, ideologias e utopias, têm sucesso porque congregam as pessoas e definem suas situações e projetos de vida, enquanto outros símbolos, como a ciência, são bem-sucedidos por sua capacidade de resolver problemas práticos.

Em suma, Rubem entende o sagrado como uma relação pessoal e íntima de cada indivíduo. Nos livros *O enigma da religião* (1984) e *O que é religião?* (1981) ele expressa de forma sucinta essa análise. Porém, quando compreendemos o sagrado como experiência íntima fora do âmbito insitucionalizado e de dogmas, como podemos comunicar nossas experiências? Para ele, a história da religião foi, muitas vezes, escrita a partir da perspectiva dos vencedores, obscurecendo as vozes e experiências dos derrotados. No entanto, o desenvolvimento da ciência histórica e da arte da interpretação forneceram ferramentas para descobrir a verdade por trás das narrativas construídas pelos poderosos. Essas ferramentas revelam as aspirações e lutas dos oprimidos, bem como suas esperanças religiosas por um futuro em que prevaleçam a justiça e a igualdade.

A sensação de impotência e a crença de que suas esperanças só podem ser realizadas na vida após a morte leva os oprimidos, muitas vezes, a encontrar consolo em práticas mágicas, ou a recorrer a figuras religiosas que atendam às suas necessidades imediatas em vez de desafiar as estruturas de poder existentes. Com isso, Rubem entende que a religião pode ser tanto um instrumento de libertação quanto uma ferramenta de opressão, dependendo de como é usada e interpretada. Os poderosos podem ver a religião como um meio de perpetuar o *status quo*, enquanto os oprimidos buscam símbolos e narrativas religiosas para alimentar suas esperanças de um futuro melhor.

No Brasil, é possível notar uma grande quantidade de pessoas negras que se convertem às igrejas pentecostais (Oliveira, 2018), em um pertencimento que é incentivado por todo o simbolismo que essa doutrina expressa. Quando estudamos a formação do movimento pentecostal e sua estrutura hoje, percebemos suas raízes negras, exemplificadas naquele que foi o responsável pelos movimentos da rua Azusa, William Joseph Seymour.

A morte, também abordada por Rubem em suas obras, mostra-se como um desafio para o sentido da vida, para o qual a religião oferece a esperança de vida eterna e a reconciliação com a

morte, o que permite que as pessoas encontrem significado mesmo diante do absurdo da existência. Com isso, para ele o sentido da vida é um sentimento, algo que é experimentado emocionalmente e que não pode ser plenamente explicado pela ciência. Embora o sagrado tenha sido deixado de lado e a ciência tenha recebido a oportunidade de responder às questões fundamentais da experiência humana, ela não consegue dar “imaginação”, o que gera sentido para a vida. Pensar que vamos morrer e que o nosso corpo voltará ao estado de nada, pois entraremos em decomposição como um fator natural da vida, pode ser cruel e frio; contudo, a alma religiosa se lança ao risco de ter esperança, buscando um universo com sentido e uma relação especial com a morte. A beleza do risco da esperança supera a certeza de um universo frio e sem sentido.

5 Religião e ciência: uma reflexão sobre sentido e esperança nos dias de hoje

A relação entre religião e ciência tem sido objeto de debate ao longo da história. Enquanto a ciência busca explicar o mundo por meio de métodos empíricos e racionais, a religião aborda questões mais profundas, como o sentido da vida e a esperança. Pensando nisso, Rubem Alves entende que a ciência nos coloca em um mundo glacial e mecânico, em que falta significado humano e amor. A ciência busca explicar o mundo por uma ótica racional, enquanto a religião compreende o mundo de forma funcional, ou seja, se preocupa com a existência de cada indivíduo⁷.

Assim, a religião oferece esperança ao transformar a morte em amiga e proporcionar a crença na vida eterna, entregando os mortos aos deuses, buscando reconciliar-se com a morte e libertar as pessoas para viver plenamente. A esperança emerge como um elemento central na religião, já que ela oferece a possibilidade de um universo que vibra com nossos sentimentos e nos envolve em amor e felicidade. Essa visão pode não ser certa ou comprovada cientificamente, mas é a expressão de um desejo ardente que nos impulsiona a acreditar em um sentido maior para a vida.

O ser humano, desde muito tempo, tem ciência de sua inferioridade em relação ao universo e, por isso, encontra na ideia das bênçãos dos deuses e do descanso eterno uma resposta para sua busca pela liberdade. A terra é uma das bênçãos que Deus — ou os deuses — entregou ao ser humano. Com isso, Rubem expressa a tendência de compreender que a vida merece ser vivida e aproveitada, pois se o universo existe para o ser humano, deve ser aproveitado. Compreende-se,

⁷ Como temos discutido ao longo deste artigo, Rubem não problematiza o fator científico em si, buscando, na verdade, trazer a religião e o sagrado para uma experiência pessoal a cada ser humano.

assim, o problema que o autor tem com a institucionalização, com o aprisionamento de experiências e a mecanização de indivíduos que buscam o sentido para a vida pelo contato com o sagrado. É aí que a religião se torna um aprisionamento.

Rubem, ao buscar uma resposta para o que é a religião, em sua concepção, e por que os humanos a praticam, destaca que essa pergunta tem recebido respostas variadas e contraditórias ao longo da história. Afinal, a verdade sobre a religião é difícil de determinar, pois qualquer resposta dada pode ser considerada apenas mais uma especulação entre as muitas explicações oferecidas (Alves, 1984, p. 37). Além disso, mesmo sem compreender completamente suas origens, o homem não consegue se livrar do fascínio pela religião, evidenciado pela presença da religião, de alguma forma, em todas as culturas conhecidas.

Como bem dizemos, o sagrado é necessário para dar sentido aos homens em relação às suas crises, portanto a ideia do sagrado em Rubem Alves está intrinsecamente ligada a o que ele pensa e enxerga sobre a religião como um todo. Como vimos até aqui, Rubem compreende a religião como parte da humanidade, algo que dá sentido e faz com que o ser humano possa compreender a si mesmo e ao universo. O sagrado atende a essas necessidades e, para ele, é compreendido pelas experiências vividas, ou seja, por uma relação particular com o todo. A vida merece ser aproveitada e fazer isso é parte da vontade do sagrado. Constantemente em suas obras estão aparentes as marcas de uma linha freudiana, em que ele apresenta a relação do desejo da humanidade pelo sagrado, mas o interessante é que ele utiliza toda a questão do ego e inconsciente para fora. Para Rubem Alves, a busca pelo sagrado é inerente à condição humana, já que a religiosidade não se limita a doutrinas, rituais ou instituições, expandindo-se a uma dimensão profunda e íntima que cada ser humano carrega consigo. O sagrado está presente nas experiências cotidianas, nas belezas da natureza, nas relações interpessoais e nas reflexões sobre o sentido da existência.

Imagine uma pessoa em um belo jardim, rodeada por flores coloridas e perfumadas. Ela sente uma profunda admiração e encantamento diante daquela cena, sentindo-se tocada em seu âmago. Essa experiência estética transcende a simples descrição objetiva das flores e do jardim, pois não basta dizer que há pétalas de diferentes cores, formas e aromas, a experiência estética vai além disso, despertando emoções, sensações e uma conexão singular com a beleza do momento. Da mesma forma, a religião pode ser comparada a essa experiência estética, que escapa à descrição objetiva e não pode ser reduzida a instituições religiosas e símbolos. Assim como a beleza de um jardim transcende a mera descrição das flores, a religião transcende as formas institucionalizadas

e os símbolos religiosos, mostrando-se como uma experiência profunda e pessoal, que abarca a conexão com o divino, algo maior do que nós mesmos.

Vemos essa tendência de Rubem no livro *O amor que acende a lua* (1999), que explora a ideia do sagrado não apenas como algo ligado à religião tradicional, mas como uma experiência profunda e espiritual que pode ser encontrada em diversos aspectos da vida. Uma das maneiras pelas quais Rubem Alves aborda o sagrado nesse livro é por meio da natureza. Ele frequentemente descreve a natureza como um espaço em que podemos encontrar o divino, já que as árvores, flores, animais e outros elementos naturais são vistos como manifestações do sagrado. Para ele, a conexão com a natureza é uma forma de se conectar com algo maior do que nós mesmos, algo que transcende o cotidiano.

Além disso, Rubem Alves explora, também, o sagrado nas relações humanas e no amor. Ele acredita que o amor é uma força transformadora e que quando amamos verdadeiramente estamos tocando o sagrado. Sendo assim, o amor é visto como uma forma de conexão espiritual com o outro e com o mundo. No livro, o autor também aborda a infância como um espaço de descoberta do sagrado, que pode ser encontrado na natureza, no amor, nas relações humanas e, até mesmo, na simplicidade da infância. É uma obra que convida os leitores a refletir sobre como podem encontrar o sagrado em suas próprias vidas, independentemente de suas crenças religiosas ou filosóficas.

Portanto, assim como a experiência estética nos leva além da descrição objetiva dos objetos estéticos, a religião nos convida a transcender as limitações das instituições e símbolos, abrindo-nos para uma busca pessoal e significativa do sagrado. É nessa busca que encontramos a verdadeira essência da religião, aquela que nos toca no mais íntimo do nosso ser e nos conecta com algo maior e mais profundo do que podemos compreender plenamente.

Em resumo, para ele o divino se faz presente em todos os âmbitos de nossa vida, nos grandes e nos pequenos detalhes, e transformar o sagrado em algo inacessível seria como tirar o sentido do ser humano. Em sua obra *O enigma da religião* (1984), Rubem Alves destaca a necessidade de cultivar a sensibilidade e a abertura para experiências transcendentais.

6 Considerações finais

A reflexão sobre a obra de Rubem Alves, que desenvolvemos neste artigo, revela uma profunda compreensão das mudanças sociais e culturais que ocorreram ao longo do tempo, já que o autor nos leva a uma jornada de questionamentos em relação à religião, ao sagrado e ao homem.

Alves destaca a importância dos símbolos religiosos na criação de um mundo que faça sentido em uma sociedade cada vez mais secularizada, argumentando que a religião, embora tenha sido marginalizada em muitos aspectos da vida pública, ainda desempenha um papel significativo na experiência pessoal e social das pessoas.

A busca por significado, conexão espiritual e respostas para questões existenciais persiste mesmo que sob formas transformadas. Neste artigo, também refletimos sobre a relação entre religião e cultura, destacando como os seres humanos têm a capacidade única de criar e transformar o mundo por meio da cultura e da religião. Alves enfatiza a importância de uma conexão autêntica com o sagrado, que convida o leitor a buscar uma espiritualidade mais pessoal e íntima, transcendendo dogmas e imposições externas. Por isso, está intrinsecamente ligado ao nosso cotidiano. Pensando nisso, lembramos a obra de K. Riesenhuber:

Portanto, na experiência e na aceitação do sentido dá-se o encontro com aquele que a fé chama “Deus”. Ele se manifesta como aquele que interpela na história, que se dirige a cada homem pessoalmente, aguardando sua resposta, sua colaboração e entrega. Em tudo isso oferece ao homem a sua própria realização, prometendo-se a si mesmo como o termo final dela, como o valor e a bondade sem limites. É esse Deus que revela ao homem um futuro cheio de sentido, que ele mesmo deve construir; leva-o à plenitude, por ser o centro e a razão última de toda esperança intra-humana, e que assim está presente como aquele que primeiro ainda quer ser encontrado na base e nas profundezas do futuro. Quem, portanto, encontrou o sentido da sua vida, pelo qual pode assumir o risco do pleno engajamento pessoal, teve seu encontro com Deus. Com efeito, se a vida tem sentido, existe Deus, porque este sentido só pode em última instância, ser o próprio Deus (Riesenhuber, 1972, p. 52).

Em última análise, o artigo buscou nos lembrar que a busca por significado e sentido na vida é uma constante na condição humana e que a religião, mesmo transformada, continua a desempenhar um papel vital nessa busca. As palavras de Rubem Alves nos incentivam a explorar e compreender as transformações da religião ao longo do tempo e a reconhecer a importância dos símbolos religiosos para a criação de um mundo que faça sentido em nossa jornada pessoal. Ou seja, Rubem trouxe a ideia do sagrado para próximo de nós.

Referências

ALVES, R. A. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papirus, 1999.

ALVES, R. A. **O enigma da religião**. Campinas: Papirus, 1984.

ALVES, R. A. **O que é religião?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

OLIVEIRA, M. D. **A Religião mais negra do Brasil**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

RIESENHUBER, K. **Experiência existencial e religião**. Trad. Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1972.